

A FORÇA DOS ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PROFISSIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS*

artigo de revisão

Maria Tereza Machado Teles Walter**
Sofia Galvão Baptista***

RESUMO

Os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações. Entretanto, diversos autores mostram que os estereótipos podem significar igualmente uma forma de lidar com as incertezas do mundo, facilitando a comunicação e inserindo os indivíduos em diversos grupos sociais. Não é desconhecido da maioria das pessoas, e dos próprios profissionais, que os bibliotecários estão comumente vinculados a diversos tipos de estereótipos como o de gênero, o de comportamento e o de imagem física. O propósito desse trabalho é apresentar alguns pontos de reflexão acerca da força dos estereótipos para a construção da imagem profissional dos bibliotecários e suas consequências para o exercício profissional, oportunidades de atuação e reconhecimento social da profissão.

Palavras-chave

BIBLIOTECÁRIO-ESTEREÓTIPO
BIBLIOTECÁRIO-IMAGEM PROFISSIONAL
IMAGEM PROFISSIONAL

* Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada "Bibliotecários no Brasil: representações da profissão.", orientada pela Profª Drª Sofia Galvão Baptista, a ser defendida junto ao curso de Doutorado em Ciência da Informação e Documentação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, em 2008.

** Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal. Doutoranda em Ciência da Informação e Documentação pela Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação. E-mail: mariat@stf.gov.br

*** Doutora em Ciência da Informação, UnB. Professor Adjunto 4 do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da UnB. Líder do Grupo de Pesquisa Mercado de Trabalho do Profissional da Informação. E-mail: sofiag@unb.br

I INTRODUÇÃO

Os estereótipos costumam ser associados a conceitos negativos manifestados quando é emitido julgamento acerca de algum tema, de uma determinada pessoa, de um grupo, ou mesmo relacionado a ações. Entretanto, diversos autores mostram que os estereótipos podem significar igualmente uma forma de lidar com as incertezas do mundo, facilitando a comunicação e inserindo os indivíduos em diversos grupos sociais.

Não é desconhecido da maioria das pessoas, e dos próprios profissionais, que os bibliotecários estão comumente vinculados a diversos tipos de estereótipos como o de gênero, o de comportamento e o de imagem física. Essas associações, mesmo quando compreendidas sob o aspecto positivo de mediação e facilitação de comunicação interna nos

grupos e externa, com a sociedade, podem igualmente ser limitantes para uma profissão como a dos bibliotecários que ainda luta pelos espaços de trabalho, pelo reconhecimento social e pela modernização de sua imagem.

O propósito desse estudo é apresentar alguns pontos de reflexão acerca da força dos estereótipos para a construção da imagem profissional dos bibliotecários.

2 OS ESTEREÓTIPOS SEGUNDO A LITERATURA

De modo geral, como apresentado na introdução, os estereótipos são associados a conceitos negativos manifestados quando emitimos um julgamento qualquer acerca de determinado tema, pessoa, grupo ou mesmo ações. Mas para

McCarthy, Yzerbyt e Spears (2002, p.1, tradução nossa), estereótipo tem outra acepção, mais abrangente:

Sem indivíduos não haveria sociedade, mas a menos que indivíduos também se percebam como pertencentes a grupos, isto é, dividindo características, circunstâncias, valores e crenças com outras pessoas, então a sociedade seria sem estrutura ou ordem. Estas percepções de grupos são chamadas de estereótipos.

Ainda segundo os autores, os estereótipos só têm interesse se compartilhados pelos membros do grupo e é importante compreender porque e como eles são compartilhados. Além disso, não se pode ignorar que os estereótipos, uma vez formados, comporão o conjunto de visões que um determinado grupo tem de sua realidade, assim como possivelmente influenciarão comportamentos e atitudes, o que pode interferir positiva ou negativamente na visão interna e na externa, ou seja, daqueles que não integram aquela comunidade.

Uma das explicações possíveis é a idéia de que

[...] há compartilhamento de um conjunto cultural de conhecimento, de representações sociais, de ideologia ou cultura da qual diferentes pessoas provam e é isto que produz a semelhança das visões (MCGARTY; YZERBYT; SPEARS, 2002, p.6, tradução nossa).

Há, ainda, outros entendimentos possíveis para estereótipos que são, segundo McGarty, Yzerbyt e Spears (2002, p.7), compreender os estereótipos como um conjunto de crenças, de conceitos interrelacionados que informam as percepções de membros de um certo grupo; ou ainda como a representação específica de um grupo particular em um determinado tempo.

Pereira et al. (2002, p.389-390) em estudo sobre a evolução dos métodos de estudo dos estereótipos e do processo de estereotipização evidencia as diferenças e contornos que esse conceito foi adquirindo, passando por entendimentos em que eram caracterizados “[...] como crenças compartilhadas pelos percebedores [...]”; “[...] fotografias na cabeça do percebedor [...]”; “[...] estruturas que contêm o conhecimento, as crenças e as expectativas do percebedor em relação a algum grupo humano.”; para, considerar os estereótipos, como “[...] crenças

compartilhadas referentes aos atributos pessoais, especialmente traços de personalidade e aos comportamentos de um grupo de pessoas [...]”.

Televisões, filmes, livros e outros veículos de comunicação contribuem para esse fenômeno de estereótipos, que podem ser caricatos dependendo da intenção de potencializar as virtudes ou os defeitos, de forma a conseguir atrair a atenção das pessoas para os aspectos que se deseja ressaltar.

Brown e Turner (2002, p.68, tradução nossa), estudando a formação dos estereótipos, consideram que existem três possibilidades para que ocorram:

[...] estereótipos podem se formar para refletir nossa observação direta do comportamento de um grupo [...];

[...] estereótipos podem refletir nossas expectativas e teorias mais amplas sobre como pensamos que um grupo deveria se comportar [...];

[...] os estereótipos se formam para refletir uma combinação de nossas observações (dados) e de nossas expectativas e conhecimentos (teoria).

Os autores definem que a formação de estereótipos está ligada a um processo de categorização e que estes “[...] são inicialmente baseados na percepção de diferenças entre grupos, apesar de esta percepção poder não refletir diferenças reais [...]” (BROWN; TURNER, 2002, p.69, tradução nossa).

McGarty, Yzerbyt e Spears (2002) chegam a uma idéia semelhante à de Hinton (2000, p.5, tradução nossa), cujo livro, além de se constituir de uma leitura prazerosa, constrói a noção de estereótipos a partir do conceito negativo, para compreender a evolução em termos de estudos sobre o tema. Em seu trabalho, ele introduz outros elementos para compreender o fenômeno dos estereótipos que teria como função, também, “[...] não ser simplesmente uma visão do mundo que é tanto certa quanto errada, mas conectada à compreensão dos indivíduos das razões pelas quais as pessoas são o que elas são.” (p.5). E, continua Hinton (2000, p.5), “[...] estereótipos podem prover as pessoas de explicações que elas podem ficar felizes em aceitar.”

Essa função de contribuir para a compreensão do mundo e possibilitar a relação dos indivíduos ou grupos com o desconhecido, que é hostil e assustador, é feita, conforme Hinton (2000), pelo julgamento das pessoas não como seres individu-

ais, mas como membros de uma determinada categoria, nesse sentido concordando com o que Brown e Turner (2002) colocaram.

Para Hinton (2000) essas categorias compõem um esquema para organizar as informações que possuímos do mundo e que nos permitem distinguir entre, por exemplo, quem é amigo e quem não é. Assim, o conceito de amigo é composto de informações que ficam organizadas mentalmente em categorias e em esquemas que permitem e facilitam a interação dos indivíduos e dos grupos em sociedade. Deve-se ressaltar que os estereótipos não devem ser associados apenas a conceitos negativos, como nas origens dos estudos sobre eles, mas por aquilo que é entendido e expresso pelo senso comum.

McGarty (2002) é outro pesquisador que associa os estereótipos com as categorias e mostra que os termos conceito e categoria têm sido usados como sinônimos e nascem e se desenvolvem na medida em que são compartilhados por um grupo social. Esse conhecimento acerca das categorias, conforme o autor permite que as percepções sejam desenvolvidas e comunicadas de forma que os estereótipos passam a ser compartilhados com outras pessoas.

As categorias, que em realidade representam os estereótipos, são exemplificadas por McGarty (2002) a partir do estereótipo dos bibliotecários. Como aparentemente as imagens associadas aos bibliotecários são comuns e consolidadas parece que os autores preferem essa profissão para tomar como exemplos de formação e entendimento dos estereótipos e McGarty também se utiliza desses profissionais. Na explicação de sua compreensão do fenômeno dos estereótipos, McGarty (2002, p.18, tradução nossa) constata que

[...] a percepção do estereótipo dos bibliotecários é obviamente maior que a mera aplicação do rótulo bibliotecário para um conjunto de pessoas que compartilham da mesma profissão. É, claramente, também, mais que um estoque de conhecimentos sobre bibliotecas e sobre pessoas que trabalham nelas. [...] Esta percepção pode ser a de que os bibliotecários são vistos como tendo mais semelhanças uns com os outros em características como serem cultos e introvertidos do que as pessoas em geral. A resposta parece ser a de que os estereótipos devem ser mais que somente uma percepção de um determinado grupo.

McGarty (2002) complementa que os estereótipos não podem ser vistos desse modo simplista e, segundo ele, que prefere utilizar o termo representação do estereótipo, eles são um conjunto de relações entre conhecimentos, rótulos e percepções de equivalência, conforme figura a seguir.

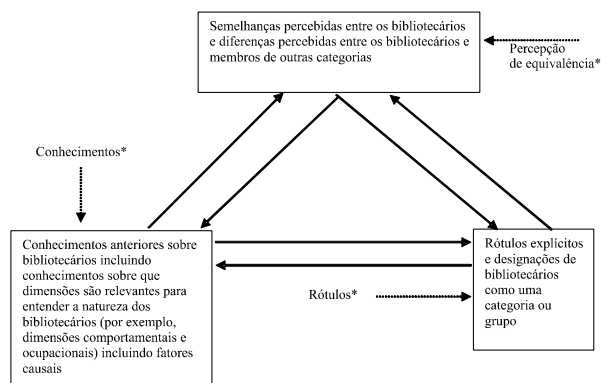


Figura 1: Representação de aspectos dos estereótipos sob a perspectiva da força das relações

* Estas anotações não fazem parte da figura original de McGarty
Fonte: Adaptação e tradução de McGarty (2002, p. 19)

Dessa figura é possível visualizar a complexidade do fenômeno dos estereótipos, a força com que eles se consolidam e o significado deles na perpetuação das representações e em sua comunicação ao longo do tempo. McGarty (2002) entende que os estereótipos que perduram devem ser classificados de conhecimento estereotipado e esses possuem características que, de certa forma se coadunam com o que Hinton (2000) coloca acerca da relação de estereótipos com a compreensão do mundo.

Dentre essas características do que denominou de conhecimento estereotipado McGarty (2002) coloca que: ele é explicativo, isto é, serve para ajudar o percebido a entender aspectos dos grupos e de seus membros e pode também ajudar a explicar as relações entre os grupos; deve servir para fazer certas representações de estereótipos mais ou menos através de uma gama de contextos; deve prover um registro de semelhanças e diferenças que são constatadas com as semelhanças e diferenças observadas; deve conter aspectos explícitos e implícitos, ou seja, conhecimentos que são disponíveis de forma consciente, simbólica e passíveis de comunicação e outros que estão no nível subconsciente; deve incorporar conhecimentos de categorias, o que significa um estoque de conhecimentos sobre essas categorias; e, finalmente, que o conhecimento estereotipado deve prover as bases para as

inferências na forma como as pessoas realmente as fazem.

Uma constatação que se destaca de Brown e Turner (2002, p.70, tradução nossa) é a de que “Uma vez que um grupo é associado com um dado comportamento, isto se transforma numa categoria significativa para o percebedor e pode guiar futuras percepções do grupo.”, o que reforça a relevância desse tema na construção da visão e das crenças que grupos profissionais, por exemplo, desenvolvem e de como esses pontos podem se refletir nas práticas e exercícios de suas atividades laborais.

Este pensamento se coaduna com Hinton (2000, p.6, tradução nossa) acerca do estabelecimento dessas categorias e quando diz que “Em grande parte do tempo nós estamos julgando outras pessoas, tanto formalmente, como num tribunal, quanto informalmente em nossas vidas.”

Uma das definições utilizadas por Hinton (2000, p.23, 26) para estereótipos é a de que eles se constituem da atribuição de características para uma pessoa, baseada em suas semelhanças com seu grupo. Definição que se complementa com a de Hamilton (1979, p.54, tradução nossa) quando diz que “Estereotipar¹ ocorre quando o percebedor faz inferências sobre uma pessoa porque aquela pessoa é membro de um grupo.” Outro ponto colocado por Hinton (2000) é o de que essa necessidade de estabelecer categorias para o mundo social reside na busca de compreender e interagir com esse mundo, conforme dito anteriormente.

2.1 Os estereótipos e os bibliotecários na literatura técnica

No grupo profissional dos bibliotecários a preocupação com a imagem e com os estereótipos tem sua razão de ser e trabalhos que tratam desses temas, em geral, focalizam suas percepções e estudos associando os estereótipos à questão da imagem corporal em primeiro plano e à comportamental, como item posterior em termos de identificação dos profissionais. Morrisey e Case (1988, p. 454, tradução nossa) consideram que

O estereótipo negativo dos bibliotecários atrapalha o recrutamento para a

profissão; diminuem o respeito que os grupos de usuários e de administradores manifestam pelos bibliotecários; inibem iniciativas individuais ou de grupos; e, por fim, atrasam o avanço da profissão.

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Um exemplo disso pode ser percebido pelo resultado de uma pesquisa na Internet com os termos bibliotecários ou *librarian*, que recupera:

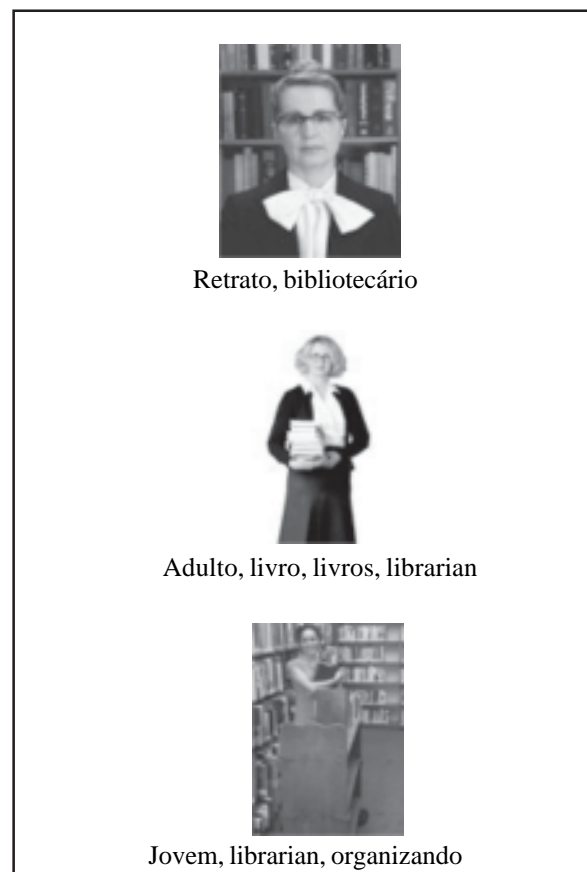


Figura 2: Imagem dos Bibliotecários
Fonte: Fotosearch, banco de imagens, 2007.

As imagens selecionadas reforçam os estereótipos de bibliotecários como profissionais associ-

¹ Estereotipar pelo Novo dicionário Aurélio, 2.ed., 1986, entre seus diferentes significados, inclui “reproduzir fielmente” e tornar-se fixo, inalterado. Entretanto, em inglês, no texto referido, é empregado no sentido de estabelecer um estereótipo, definição adotada neste estudo.

ados ao sexo feminino e, mesmo quando mostram jovens, como na figura da “bibliotecária jovem organizando”, apresenta uma função que normalmente não é executada pelos bibliotecários, mas sim pelos auxiliares de bibliotecas, que é a de recolocação de material nas estantes. Acerca da atividade de recolocação de livros nas estantes, aparentemente essa é outra percepção que acompanha os bibliotecários, idéia confirmada por Weihs (2005, p.6), em artigo no qual critica a ignorância dos autores que, entre outros equívocos semelhantes, confundem essa como sendo uma das atribuições dos bibliotecários: “Muitos autores dos livros que li acreditavam que as pessoas que carregavam e descarregavam livros das estantes de circulação eram bibliotecários – uma percepção comum do público [...]”

Em estudo sobre os estereótipos dos bibliotecários (do sexo masculino) nos Estados Unidos, Dickinson (2002) refaz o percurso do desenvolvimento das bibliotecas universitárias para tentar compreender como se desenvolveram os estereótipos. Segundo seus trabalhos, os primeiros responsáveis pelas bibliotecas não se fixavam no cargo, apenas utilizando-o como um modo de ascender a outros postos na organização universitária. Há outros fatores, conforme Dickinson (2002), que poderiam contribuir para a visão que a sociedade desenvolveu sobre os bibliotecários que são:

- O fato de que esses primeiros profissionais eram pessoalmente responsáveis pela integridade e manutenção dos acervos, o que intensificava a necessidade de cobranças e de impedimentos de acesso às obras;
- As funções das pessoas que trabalhavam nas bibliotecas incluíam a responsabilidade pela limpeza, organização física dos livros e “arejamento” do local;
- Em muitas organizações, o pessoal da biblioteca participava do processo de seleção dos alunos das universidades;
- As organizações não consideravam necessária nenhuma qualificação especial para o pessoal que fosse trabalhar nas bibliotecas.

A partir dessas constatações comportamentais, influenciadas, evidentemente, pela época, mas que ainda perduram pelo fato, concreto, de serem os bibliotecários, na maior parte das organizações, os responsáveis pelo patrimônio documental nas instituições que dirigem, é compreensível a associação desses profissionais com pes-

soas que resistem em “abrir” seus acervos, que de certa forma vigiam, mais que mediam informação, e que de algum modo estão no centro das dificuldades de acesso, que muitos usuários sentem.

Um site que discute essa questão é o <http://www.librarian-image.net/>² que possui o sugestivo título “You don’t look like a librarian” (Você não parece um bibliotecário), cujo propósito é listar alguns comentários, fatos, e apresentar as imagens que os bibliotecários transmitem, na era da Internet. Entre anúncios, simpáticos ou depreciativos, com relação à figura do bibliotecário, são apresentadas algumas pesquisas conduzidas com a finalidade de identificar a imagem do profissional. Em uma delas, Kneal (2004) comenta que a preocupação com a visão das pessoas acerca dos profissionais é importante, pois os empregadores vêem nessa perspectiva o quanto a profissão é valorizada socialmente, ou não, e o quanto os profissionais devem receber de remuneração.

Kneal (2004) indica o anúncio da Figura 3 que apresenta a possibilidade de aquisição de um “boneco bibliotecário”. Mesmo considerando-se que essa boneca foi feita baseada em um profissional com essas características, sua possibilidade de mover os braços para fazer o sinal de silêncio igualmente reforça essa percepção de barreira que os usuários podem sentir em relação aos profissionais.



Librarian Action Figure

Figura 3: Boneca Bibliotecária

Fonte: Archie McPhee, 2007.

² Acesso em 19 dez. 2006.

É provável que a maior parte desses pontos já tenha encontrado uma solução ao longo do tempo, mas as imagens perduram, assim como os estereótipos e, junto com eles a manutenção da visão dos grupos e dos indivíduos uns acerca dos outros. Hamilton (1979) fala sobre essa questão em seu trabalho enfatizando que é importante entender a influência do estereótipo no julgamento dos grupos.

Ainda em Hamilton (1979), discorrendo acerca da formação de esquemas ou de categorizações, é visto que o agrupamento de objetos em classes de equivalências, realizado pelo percebedor, é uma forma de reduzir a enorme complexidade de estímulos oferecida pelo mundo. Essa categorização deve ser entendida, então, como um processo basicamente funcional no sentido de que “[...] empresta organização ao mundo social e provavelmente facilita a retenção de informação sobre outros indivíduos”, além de “[...] aumentar nossa habilidade de antecipar como é e como provavelmente se comporta o membro de um determinado grupo” (HAMILTON, 1979, p. 56, tradução nossa).

Para demonstrar os esquemas, Hinton (2000, p.22-23, tradução nossa) utiliza o “esquema bibliotecária” que, conforme suas palavras, “[...] pode incluir características como se vestir de forma conservadora e introvertida assim como estar associada a carimbos de livros e recolocação de livros em prateleiras.” Para ele, os esquemas facilitam a vida das pessoas e os estereótipos servem igualmente para tornar o pensamento rápido e fácil, prosseguindo no exemplo das bibliotecárias:

Imagine uma pessoa muito ocupada que possui apenas alguns minutos para devolver um livro em uma biblioteca. O balcão de empréstimos está vazio e ela olha em volta à procura de uma bibliotecária. Quem é a bibliotecária? Ela deve escolher uma pessoa que caiba no estereótipo que possui acerca de uma bibliotecária, num primeiro momento. Ela pode incorrer em erro, mas se estiver certa terá resolvido seu problema rapidamente e com mínimo esforço.

Outro fator bastante relevante com relação aos estereótipos da profissão bibliotecária é a de que por ter sido, ao longo de seu desenvolvimento, associada a uma atividade essencialmente exercida por mulheres, isso redundou na agregação de outros estereótipos, que têm mais relação com o sexo feminino. Entre esses fatores podem ser identificados outros pontos, como:

- Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras;
- As mulheres, no Brasil, segundo dados constantemente divulgados pela imprensa³, percebem menores remunerações que os homens, nas mesmas posições;
- Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser “solteirona” e recalcada, enquanto que aos homens essa maior agressividade é associada a um comportamento positivo e de personalidade forte.

Sobre essas associações de idéias acerca da profissão, das mulheres e da Biblioteconomia, Lima e Almeida Júnior (1998) compilaram alguns textos acerca da forma como os bibliotecários são retratados em diferentes notícias de jornais, ou como as pessoas encaram a instituição biblioteca. O subtítulo do referido livro já denota o olhar dos autores na seleção de suas matérias: “crônicas bem-humoradas da biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas.”

Em uma parte do livro, de uma notícia acerca do retorno de uma atriz à televisão, o leitor do jornal é informado que ela encarnará o papel de “uma comportada bibliotecária” (LIMA; ALMEIDA JÚNIOR, 1998, p.41-42). Entre os diversos comentários dos autores, destaca-se o que talvez identifique a forma como uma parcela dos profissionais se sente ao ler semelhantes notícias:

Protesto. Cansei de ver a bibliotecária como o estereótipo da boa samaritana. Quando não ridicularizada como uma velha gagá, com eternos óculos de grau na ponta-do-nariz, chafurdando em fichas catalográficas 7,5 x 12,5 cm, que as impedem de pensar, ridicularizada como uma moça esteticamente reluzente, mas com um vazio na cabeça de dar dó.

Mas não se trata apenas disso. Pela análise que fazem de cada item incluído os autores demons-

³ Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u94094.shtml>>. Acesso em: 3 dez. 2006.

tram sua preocupação com a instituição biblioteca, com o hábito de leitura, com a postura dos profissionais e, sobretudo, com forma pela qual os bibliotecários e as bibliotecas são vistos por alguns veículos de comunicação.

Radford e Radford (1997) reconhecem em seu texto que a associação da imagem das mulheres bibliotecárias pode ser mais que simplesmente a manutenção de estereótipo e pode estar ligada a outros fatores como poder, conhecimento e medo. Poder, no sentido do domínio da coleção, conhecimento porque essas profissionais dominariam o ambiente biblioteca, onde se coleciona conhecimento, e medo do indivíduo que busca informação de parecer pouco inteligente diante desses profissionais. Assim, o estereótipo negativo seria uma forma de lidar com esses elementos.

Paralelamente, os autores colocam idéias bem desconcertantes acerca da relação dos profissionais com sua atividade quando comentam o texto de Michael Winter (1994) no qual ele considera que as bibliotecas englobam duas funções básicas que são de acesso e completeza (no sentido de a organização possuir toda a informação necessitada por seus usuários). Para Winter (1994) uma característica e provavelmente uma insolúvel tensão no âmbito da Biblioteconomia se manifesta de forma diferente para os usuários e para os bibliotecários que mesmo sabendo que as coleções são desenvolvidas para serem emprestadas e sua utilidade somente existe quando o documento circula, não deixa de ser fato que ao ser fornecido o documento, a coleção passa a ficar incompleta. E o usuário, nesse caso, passa a ser aquele que personifica a ruptura desse ideal de completeza.

Seguindo nessa linha Radford e Radford (1997, p. 254, tradução nossa) observam que

[...] com poucas exceções, os bibliotecários ainda decretam e impõem regras estritas para determinar a quem é permitido emprestar materiais, que materiais são passíveis de empréstimo, os prazos de circulação dos documentos e as penalidades, monetárias ou outras, impostas no caso de atrasos de devolução.

Esse poder, então, é colocado ao usuário que tem que se

[...] confrontar com o 'deus-bibliotecário', o guardião da racionalidade e do conhecimento, cujo domínio da ordem o usuário ousa violar, e que tem o poder de estabelecer disciplina e punição

(RADFORD; RADFORD, 1997, p. 255, tradução nossa).

Diante dessa relação conflituosa entre usuários e bibliotecários, Radford e Radford (1997, p. 256, tradução nossa) analisam que

O estereótipo da bibliotecária pode ser pensado como uma estratégia na qual esse temor fundamental pode ser controlado, neutralizado e disfarçado. A bibliotecária é apresentada como medonha, mas sob esse exterior severo, nada há que temer: há somente uma mulher.

No final de seu artigo, Radford e Radford (1997, p. 258, tradução nossa) colocam importantes questões acerca desse estereótipo dos bibliotecários:

Quem está falando por intermédio do estereótipo da bibliotecária, e com que finalidade? A qual interesse o estereótipo serve (certamente não às mulheres)? O que pode a imagem de subserviência e da falta de poder causar para as mulheres pode ser desafiado e mudado? Não é suficiente gritar que o estereótipo é errado, inexato e injusto.

Em relação a esses pontos, várias são as páginas na Internet que discutem esses estereótipos dos bibliotecários. Uma delas é "*The laughing librarian*"⁴, que retrata os profissionais com humor. Nesta página podem ser consultadas outras de mesmo gênero, histórias e piadas sobre os profissionais, sobre a profissão e sobre a visão externa acerca dos bibliotecários.

Mas nem só de humor vive a imagem dos bibliotecários. São inúmeras páginas dedicadas ao trabalho técnico-científico, à divulgação da profissão, periódicos eletrônicos especializados, listas de discussão e os portais institucionais tanto no exterior quanto no Brasil.

O que talvez fosse relevante, de fato, não seria apenas a construção e manutenção dessas páginas, mas, sobretudo, poder estudar e compreender o comportamento profissional dos bibliotecários, especialmente aqueles vinculados às instituições de acesso público que trabalham com informação – não apenas as bibliotecas públicas, mas as escolares, as de órgãos federais, estaduais e municipais, empresas públicas, entre outras –, cuja visibilidade transcende os limites daquela organi-

⁴ O bibliotecário risonho. Fonte: <http://www.laughinglibrarian.com>. Acesso em 22 jan. 2006.

zação específica, pois permite o acesso mais amplo que as empresas privadas ou os bibliotecários que prestam serviço especializado de forma autônoma.

Num país carente de bibliotecas ou outros órgãos que prestem serviço de informação, como é o caso do Brasil, por exemplo, a adaptação é feita pela própria sociedade, transformando bibliotecas universitárias e especializadas em públicas, senão pelo acervo, mas pela possibilidade de um local de estudos ou mesmo de acesso a enciclopédias, que ainda parecem ser as grandes fontes de informação para pesquisas escolares. Esse fenômeno é relatado com frequência pelos profissionais, como da Biblioteca Central da Universidade de Brasília e outras como as Bibliotecas da Câmara Federal e do Senado Federal, também em Brasília. Além de não disporem de coleções específicas para atendimento, por não ser esse o público alvo do órgão, sofrem com as críticas das pessoas que desconhecem as funções e responsabilidades específicas de cada tipo de biblioteca e isso se reflete na imagem projetada, provavelmente na auto-imagem dos profissionais e, fundamentalmente, alimenta um círculo vicioso de baixo nível de conhecimento, baixo índice de acesso à informação necessária e desestímulo e má vontade dos usuários com a instituição biblioteca e com os profissionais que ali atuam.

Textos que tratam da imagem dos bibliotecários nos diversos veículos de comunicação são frequentes. Soares e Freire (2005) selecionaram quatro filmes com o objetivo de identificar a imagem da categoria, incluindo a descrição dos tipos físicos e comportamentais. Entretanto, embora as análises sejam bem completas, escorregam em alguns pontos. Um exemplo é o comentário feito acerca da atuação da bibliotecária no filme "O óleo de Lorenzo", famoso por se tratar de história baseada em fatos reais e que mostra a luta dos pais de Lorenzo na busca de informações sobre a doença degenerativa do filho, que o levaria à morte.

O filme efetivamente trata do processo de busca e obtenção de informação, mas a julgar pelo trecho selecionado para exemplificar a atitude simpática da bibliotecária (descrita como uma senhora de rosto suave, levemente acima do peso e cabelo com o inevitável coque) as próprias autoras se deixam levar pela condescendência com que a profissional é tratada, quando ao invés de perceberem que seu papel seria o realizado pelo pai de Lorenzo (de pesquisar as informações) e não apenas o de buscar o documento nas estantes (papel em geral dos auxiliares de biblioteca).

Mas o trabalho de Soares e Freire (2005) é interessante pelas relações que faz com os estereó-

tipos da profissão, identificando quatro tipos específicos: o de um bibliófilo especialmente esperto (no filme "O último portal"), o da senhora simpática (no filme "O óleo de Lorenzo"), o do velho estranho e desalinhado (no filme "Pagemaster, o mestre da fantasia") e finalmente da jovem inteligentíssima, bonita e aventureira que usa óculos, acessório normalmente utilizado quando se pretende demonstrar que aquela pessoa é uma intelectual.

Embora haja muito menos textos e dados sobre o tema, existe outro estereótipo associado aos bibliotecários, nesse caso os do sexo masculino, que é o relacionado à orientação sexual dos homens que escolhem essa profissão, geralmente relacionada com a homossexualidade ou com posturas efeminadas, conforme atestam Morrisey e Case, (1988) quando reconhecem que esses pontos existem no imaginário dos próprios profissionais pelo fato de atuarem em uma profissão com predominância de mulheres. Carmichael (1995) realizou um estudo sobre o tema e levantou alguns pontos, entre os quais destacam-se:

- Que a Biblioteconomia, segundo o autor, é uma profissão com predominância de pessoas do sexo feminino e, como professores, enfermeiros e assistentes sociais são consideradas "semi-profissões" e seu baixo status e prestígio têm sido atribuídos à imagem negativa das mulheres;
- O pouco interesse dos homens na profissão discutirem questões de gênero;
- O fato de que na Biblioteconomia foi explícito o movimento de atração de pessoas do sexo masculino de forma a aumentar os salários recebidos pelos profissionais;
- Estereótipos e status são temas recorrentes em profissões que possuem baixo status ou profissões marginais, entre outros.

Sable (1969) foi outro autor que identificou a visão estereotipada dos bibliotecários e igualmente reconheceu o receio de os homens que exercem a profissão serem associados a uma imagem efeminada. Segundo esse autor (1969, p.749, tradução nossa)

Os bibliotecários do sexo masculino querem primeiro, antes de comprovar que eles são bibliotecários, comprovar que são homens. Eles não querem ser considerados como pertencentes ao estereótipo feminino.

E, prossegue Sable (1969, p.749), "Ele quer pessoalmente excluir-se das características sexu-

ais que o pensamento popular caracteriza as bibliotecárias do sexo feminino. Sua masculinidade está em questão.”

Simpson e Simpson (1969) levantaram vários pontos para compreender as denominadas semi-profissões, a cujo conceito está associada a Biblioteconomia, Dentre outras características os autores identificaram a maioria feminina em exercício, como um dos pontos e outro, relacionado a isso, ao fato de que as mulheres estão prioritariamente vinculadas à família que à profissão diferentemente dos homens. Mesmo considerando-se o distanciamento temporal – 37 anos – em que houve profundas mudanças no comportamento das mulheres em relação ao trabalho, quando se fala de estereótipos, essa imagem pode perdurar. Em suas pesquisas, os autores (1969) constataram algumas evidências que igualmente podem ter contribuído para a imagem que ainda se tem da profissão bibliotecária. Um exemplo disso é a constatação de que grande parte das pessoas que exerciam a profissão não tinham formação na área e que

Em função de não haver exigência de diploma para se tornar um bibliotecário, e talvez porque a Biblioteconomia é menos socialmente visível e tem uma imagem pública menos clara que outras semi-profissões, este campo tem uma alta proporção de pessoas que decidiram seguir a carreira tardiamente.

Também dessa época é o artigo de Sable (1969, p.748, tradução nossa) que mostra a mudança dos estereótipos quando afirma que “Os séculos dezenove e dezoito caricaturaram os bibliotecários como bibliófilos, homens pálidos e subnutridos que viviam apenas para seus livros.” Para Sable (1969) a depressão e as guerras fizeram com que a entrada das mulheres na profissão deslocasse os estereótipos para os que até hoje são mais comumente associados, como os que já foram descritos.

Retornando a Carmichael (1995), sua pesquisa, mostra a visão histórica sobre os bibliotecários nos Estados Unidos e, dentre as associações feitas em diversas circunstâncias sobre esses profissionais, constam algumas verdadeiramente estereotipadas como, por exemplo, identificar os bibliotecários como “terceiro sexo”, ou ainda, alertar os estudantes que trabalhassem nas bibliotecas para que não se tornassem “acadêmicos efeminados”. O autor levantou, entre outros pontos que potencialmente podem servir de explicação para os estereótipos e os baixos salários para os

bibliotecários, o movimento de introdução de mulheres na profissão que encontrou em Melvil Dewey um incentivador, por razões diversas e, conforme Carmichael (1995, p.16, tradução nossa),

Por toda a subsequente história da Biblioteconomia, os bibliotecários tiveram dificuldades em obter apoio financeiro governamental para seus esforços, se não por outra razão do que ter a biblioteca pública se transformado em um ornamento municipal povoado por mulheres, no qual os bibliotecários homens eram meros “entregadores em vestiários de cultura”.

Newmyer (1976) constata que o registro da literatura sobre os bibliotecários é inconsistente e incongruente e reflete, em parte, a ambigüidade da autoimagem profissional, que tem sido formalizada através de uma miríade de estudos sobre estereótipos, personalidades e imagens, todos conduzindo para uma referência negativa do estereótipo feminino. O autor demonstra, pelo seu trabalho, que testes de personalidade buscando as referências femininas e masculinas refletem preconceitos de época atribuindo aos homens a característica de efeminados, se admitiam a possibilidade de se tornarem bibliotecários, por exemplo, e masculinizadas às mulheres que admitiam, pelos testes, que se interessavam por política ou não tinham medo de enfrentar ambientes desconhecidos. Assim, conforme o Newmyer (1976) esses estudos apenas reforçavam imagens efeminadas para os homens e submissas para mulheres, o que em nada, segundo ele, contribui para conhecer, efetivamente a imagem profissional dos bibliotecários.

A questão da orientação sexual, ou do comportamento estereotipado como efeminado associado aos homens na Biblioteconomia, mesmo no século XXI, ainda é um tema controverso e sensível e não se fala sobre isso sem suscitar desconfortos. Essa mesma sensibilidade não parece permear os textos e nem receber a mesma atenção quando se trata de discutir sobre a imagem mais comumente associada aos bibliotecários, de forma depreciativa, que é a da mulher, velha, de óculos, coque, totalmente defasada e dissociada dos movimentos mais modernos em relação à lide com a informação, como apresentado anteriormente e, claro, solteira, como outra característica negativa para as mulheres.

Mas essa associação de imagens, nesse caso específico, relacionada com os homens e com sua orientação sexual, ou com seu comportamento social, deveria ser considerada nos estudos relacio-

nados com a imagem profissional e com os estereótipos, pois igualmente faz parte da tradição oral do que se comenta sobre os profissionais, pelo menos entre os bibliotecários. E esses comentários, como normalmente se percebe quando se fala sobre a sexualidade humana, são feitos de forma velada, em geral críticos, que são características das opiniões permeadas pelos preconceitos e pela sombra dos estereótipos associados com idéias negativas.

Que influência pode ter esses estereótipos associados aos bibliotecários – mulheres velhas e homossexuais masculinos –, mesmo que os temas recebam atenção, pesquisas e textos de forma diferenciada, na construção da imagem profissional merecem olhares mais atentos, especialmente quando se associa o reconhecimento profissional a oportunidades de trabalho, aos salários recebidos e às disputas de mercado, já que ambos os estereótipos são associados a imagens negativas.

Carmichael (1995, p.17, tradução nossa), por exemplo, explica seu interesse em estudar os homossexuais masculinos na Biblioteconomia em comparação com os heterossexuais, bem como tornar mais aderente a existência de um estereótipo negativo masculino correspondente ao estereótipo feminino, como uma perspectiva para “restaurar alguma solidariedade às reivindicações de ambos os sexos pela legitimidade da profissão.”

Em estudo anterior, Carmichael (1992, p.414) já identificava que a Biblioteconomia é uma profissão que sofre com a questão da imagem, mas sempre associando à predominância de mulheres na área. Para ele, o silêncio sobre a questão de gênero tem relação, entre outros fatores, com a “volatilidade do estereótipo sexual masculino em profissões femininas” (CARMICHAEL, 1992, p.414, tradução nossa). Segundo o autor, os educadores antigos esforçavam-se muito para apresentar positivamente a profissão aos potenciais empregadores, com especial atenção para acabar com a imagem efeminada associada aos homens. Na sua pesquisa, o autor tenta demonstrar que

[...] como a tecnologia e as máquinas são domínios tradicionalmente “masculinos”, presumiu-se que a revolução tecnológica nas bibliotecas tem tido um efeito positivo na auto-estima masculina (CARMICHAEL, 1992, p.419, tradução nossa).

Carmichael (1998, p.3, tradução nossa), comentando acerca do estudo de Newmyer (1976), sobre a imagem da profissão bibliotecária consolidada pela literatura técnica da área, enfatiza que

Todas as profissões “femininas” experimentam problemas de imagem e baixa auto-estima e seus profissionais tradicionalmente colocam a culpa para esse problema nos pés de um gentil, no mínimo repugnante, estereótipo feminino (em Biblioteconomia, de óculos e uma mulher velha assexuada, meio caduca, solteira, usando coque e tênis que pede silêncio ao menor riso abafado) e na imagem feminina da profissão.

Na introdução do livro editado por Carmichael (1998), é apresentada a questão da homossexualidade relacionada à Biblioteconomia sob diversos aspectos que abrangem desde a imagem associada aos homens que atuam nessa profissão ao desenvolvimento de coleções especializadas no tema, nas bibliotecas, à mudança de paradigma da classificação das obras sobre esse assunto. Mas seu texto sempre retorna ao ponto da aceitação social relacionada com o exercício profissional, que é sempre uma discussão que permeia os estudos sobre imagem profissional dos bibliotecários.

Além desses pontos, há outras posições sobre esse assunto, que ultrapassam uma visão trivial e superficial da profissão. Um deles é o *blog*⁵ de Fiona Bradley que possui um artigo criticando as ações da *American Library Association* (ALA) para mudar a visão da sociedade quanto ao estereótipo dos bibliotecários (senhoras idosas, em vestimentas conservadoras, etc.) questionando que devem existir pessoas com essas características e imaginando como elas devem se sentir com essas críticas. Bradley (2003, tradução nossa) coloca que ao invés de reforçar os valores dos bibliotecários, esclarecer acerca de suas atividades que, conforme a autora são os reais interesses de pessoas em fase de escolha da carreira, a ALA apenas reforça preconceitos e não colabora para integrar as gerações de bibliotecários mais novas e as mais antigas. Além disso, o ideal seria mostrar o uso que se faz das tecnologias de informação e de comunicação e as diferentes possibilidades de atuação profissional, o que, segundo ela, demonstra que a carreira é atraente e não apenas jovem!

3 CONCLUSÕES

Os estereótipos existem e se constituem de formadores de opinião e de atitudes tanto no interior dos grupos, quanto no olhar externo. No caso

⁵ Disponível em <<http://blisspix.net/index.php>>. Acesso em 9/4/2006.

dos bibliotecários, os estereótipos têm acompanhado essa profissão desde seus primórdios, geralmente de uma forma negativa: intelectuais com aspecto doentio, homens efeminados e, por fim, a mais duradoura, das mulheres velhas e seus adereços indissociáveis.

Mesmo considerando-se o aspecto caricatural e a utilidade dos estereótipos como forma de compreensão da realidade e da lide com o desconhecido, é importante considerar sua força no tocante à imagem das profissões pelo que podem significar em termos de espaço de atuação, reconhecimento social e remuneração.

A imagem preconcebida e associada freqüentemente a imagens negativas pode ter várias explicações relacionadas, como discutido, a um "poder", por ser o intermediário entre o conhecimento e a ignorância. O bibliotecário, que tem suas raízes ligadas à erudição, às vezes, é visto pelo usuário como um profissional que domina todo o conhecimento que a instituição biblioteca pode con-

ter o que também é uma percepção equivocada. Para os profissionais, seria melhor e mais importante serem vistos como intermediários e facilitadores entre um repositório de conhecimento e aquele que procura informação, exercendo assim suas funções de informar, de educar ou de organizar a informação. Mas isso nem sempre ocorre.

Muitas outras profissões socialmente como consideradas femininas ou como semi-profissões, como enfermeiras, professoras, psicólogas e outras, passam pelo mesmo crivo e pelas mesmas dificuldades de aceitação social. Um dos desafios destas profissões é explicitar seu valor para a sociedade. No caso específico da Biblioteconomia, que enfrenta concorrências com outros perfis emergentes na área de informação, especialmente evidenciados pelas tecnologias de informação e documentação, os estereótipos negativos podem ser traduzidos por salários menores e para outros entraves para o crescimento da profissão e de seus profissionais.

THE POWER OF STEREOTYPES ON LIBRARIANS' PROFESSIONAL IMAGE CONSTRUCTION

ABSTRACT

Stereotypes are usually associated to negative concepts that emerge when someone gives his or her opinion about a subject, about a person, about a group or even when related to acts in general. However many authors demonstrate that stereotypes may equally mean a way to deal with the uncertainties of the world making the communication easier and including a person in different social groups. It is known by people in general and by librarians themselves that their profession is commonly associated to many stereotypes as of gender, behaviour and physical appearance. This paper examines the power of stereotypes on librarians' professional image construction and its consequences for professional labour market opportunities and social recognition.

Keywords

LIBRARIAN-STEREOTYPE
LIBRARIAN-PROFESSIONAL IMAGE
PROFESSIONAL IMAGE

Artigo recebido em 12.05.2007 e aceito para publicação em 03.07.2007

REFERÊNCIAS

ARCHIE McPhee. Figura móvel do bibliotecário. Disponível em: <<http://www.mcphee.com/bigindex/current/11247.html>>. Acesso em: 19 jul. 2007.

BRADLEY, Fiona. *The anti-stereotype stereotype*. 2003. Disponível em: <<http://www.blisspix.net/library/image.html>>. Acesso em: 9 abr. 2006.

BROWN, Patricia M.; TURNER, John C. The role of theories in the formation os stereotype content. In: MCGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 67-89.

CARMICHAEL, James V. *Introduction: makeover without a mirror: a face for lesbigay library history*. In: _____ (Ed.). *Daring to find our names: the search for*

- lesbigay library history*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1998. p. 1-23.
- CARMICHAEL, James V. *The gay librarian: a comparative analysis of attitudes towards professional gender issues*. *Journal of Homosexuality*, v. 30, n. 2, p. 11-37, 1995.
- CARMICHAEL, James V. *The male librarian and the feminine image: a survey of stereotype, status, and gender perceptions*. *Library and Information Science Research*, v. 14, n. 4, p. 411-446, 1992.
- DICKINSON, Thad E. *Looking at the male librarian stereotype*. ARANT, Wendi; BENEFIEL, Candace R. (eds.). *The images and roles of the librarian*. New York: The Haworth Information Press, 2002. p. 97-110.
- FOTOSEARCH. Banco de imagens. Disponível em: <<http://www.fotosearch.com.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2007.
- HAMILTON, David L. *A cognitive-attributinal analysis of stereotyping*. *Advances in Experimental Social Psychology*, v. 12, p. 53-84, 1979.
- HINTON, Perry R. *Stereotypes, cognition and culture*. East Sussex: Psychological Press, 2000. 208 p.
- KNEAL, Ruth A. *Where's the librarian?: patrons view's of public perception in the Internet age*. [s.l.: s.n.], 2004. Disponível em: <http://www.librarian-image.net/wheres_the_librarian.html>. Acesso em: 22 jan. 2006.
- LIMA, Justino Alves; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. *Bibliotecas & bibliotecários: situações insólitas (ou) crônicas bem-humoradas da biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas*. São Paulo: Polis, 1998. 118 p.
- McGARTY, Craig. *Stereotype formation as category formation*. In: ____; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.19.
- McGARTY, Craig; YZERBYT, Vincent Y; SPEARS, Russell. *Social, cultural and cognitive factors in stereotype formation*. In: _____. *Stereotypes as explanations: the formation of meaningful beliefs about social groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 1-15.
- MORRISEY, Locke J.; CASE, Donald O. *There goes my image: the perception of male librarians by colleague, student, and self*. *College & Research Libraries*, v. 49, n. 5, p. 453-464, Sep. 1988.
- NEWMYER, J. *The image problem of the librarian: feminity and social control*. *The Journal of Library History*, v. 11, n. 1, p. 44-67, 1976.
- PEREIRA, Marcos Emanuel et al. *Imagens e significado e o processamento dos estereótipos*. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 389-397, 2002.
- RADFORD, Marie L.; RADFORD, Gary P. *Power, knowledge, and fear: feminism, Foucault, and the stereotype fo the female librarian*. *Library Quarterly*, v. 67, n. 3, p. 250-266, jul. 1997.
- SABLE, Arnold P. *The sexuality os the library profession: the male anda female librarian*. *Wilson Library Bulletin*, v. 43, p. 748-751, 1969.
- SIMPSON, Richard L.; SIMPSON, Ida Harper. *Women and bureaucracy in the semi-professions*. In: ETZIONI, Amitai. *The semi-professions and their organization: teachers, nurses, social workers*. New York: Free Press, 1969. p. 196-265.
- SOARES, Maria de Fátima; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. *Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas*. *Biblionline*, v.1, n.1, 2005. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br>>. Acesso em: 12 fev. 2006.
- WEIHS, Jean. *Authors depict the library profession*. *Technicalities*, v. 25, n. 5, p. 5-8, sep./oct. 2005.
- WINTER, Michael F. *Umberto Eco on libraries: a discussion of 'De Bibliotheca'*. *Library Quarterly*, v. 64, p. 117-129, apr. 1994.